



Por uma perspectiva da Folkcomunicação a partir das análises semiológicas sobre os ex-votos do Brasil ⁽¹⁾

José Cláudio Alves de OLIVEIRA ⁽²⁾
Universidade Federal da Bahia

Resumo:

O objetivo deste artigo é expor questões referentes aos ex-votos das “salas de milagres” dos santuários do Brasil, mostrando a questão da semiologia, que envolve os tipos de ex-votos e as linguagens que os cercam, tornando-os importantes elementos para a expressão individual e coletiva, os discursos diversificados, a religião, a história social e da arte e, conseqüentemente, a folkcomunicação, formas significativas para o estudo das culturas regionais principalmente quando verificamos as diferenciações tipológicas dos objetos e a expressão natural do povo.

Palavras-chave: ex-voto, semiologia, folkcomunicação, cultura.

Antes de enveredarmos pelos caminhos que conceituam, definem e mostram os ex-votos, cabe dedicar algumas linhas ao problema mais geral da Semiologia e de sua importância como fornecedora de modelos teóricos vinculados a linguagens, para outras disciplinas, e como ciência que estuda os signos e os símbolos, objetos-base para a compreensão da iconografia e iconologia, dois itens pertinentes a este texto por neles fazerem parte os ex-votos, a forma e o conteúdo, respectivamente.

De certo sentido, podemos dizer que a explosão de estudos da semiologia sucede os progressos unificados nos estudos lingüísticos. (SAUSSURRE, F., 1972, 31-32) O nó da questão da ciência semiológica e de seus modelos de análise, bem como de todos os sistemas filosóficos e da própria vida humana, está precisamente na necessidade que tem o

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares, no GP Folkcomunicação, do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Realizado de 2 a 6 de setembro de 2011, na UNICAP, Recife, PE.

² Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea (FACOM-UFBA). Professor do PPG-Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

homem de fazer uso de símbolos ou signos para expressar suas idéias, suas angústias, seus temores, suas teorias, enfim, tudo se torna complexo e pode gerar confusão indizível, na prática, porque sendo a cultura uma forma de linguagem, a exemplo da língua, ela precisa dos signos, ela é simbólica.

Nas ciências sociais, e principalmente na comunicação, estuda-se uma matéria cheia de carga simbólica, a cultura materializada ou exteriorizada (cultura manifesta), e tentamos atingir o conteúdo da cultura, a cultura global enquanto sistema cultural que não é encontrado completamente nas mentes individuais. Este é o problema básico dos signos que atinge tanto a língua como a cultura em geral, de modo coletivo.

Umberto Eco escreveu um livro inteiro sobre o signo e nele apresenta várias noções distintas. Não há necessidade de expor todas, mas apenas duas que se aproximam ao tema Ex-votos: "Imperfeições, indício, sinal manifesto a partir do qual se podem tirar conclusões e similares a respeito de qualquer coisa latente. (...) Qualquer processo visual que reproduza objetos concretos, como o desenho de um animal para comunicar o objeto ou o conceito correspondente". (ECO, 1977, p. 15-16)

A semiologia estuda os signos, passíveis de serem visualizados em suas infinitas formas, com o auxílio, evidente, de estudos interdisciplinares. E, a partir dos dois dados de Eco, pode-se remeter ao ex-voto a questão sónica e simbólica. Isso implicada inclusive na noção de documento-testemunho, pois a semiologia permite ler, desvendar o aspecto signológico dos objetos.

Assim, o ex-voto, nas formas escrita, artística – em bi e tridimensão do documento –, como uma casinha colocada no cantinho da "sala de milagres", a muleta (símbolo da enfermidade ou desenfermidade), enfim uma infinidade de "coisas" (objetos) passíveis de serem lidas e interpretadas, um mundo em que a percepção visual e tátil reserva para a codificação-explicação da comunicação entre o crente e a divindade.

A própria expressão "sala de milagres" conduz o pensamento a "promessas" e essas a "cabeças esculpidas", embora hoje as "cruzes" e "santinhos de barro" e "gesso" fujam desse pensamento arquetípico. A profusão de elementos em uma "sala de milagres" proporciona uma codificação maior dos signos votivos. Desse modo, o ex-voto se dinamiza em sua tipologia. Para o cientista, o ex-voto não é apenas um elemento de arte e promessa,

é também um documento (de várias formas) que equivale às "solicitações" e "pagamentos" das "graças", que possuem formas específicas de almejar e de comunicar.

A disposição dos objetos, espalhados e/ou organizados na "sala de milagres", confirma a representatividade do ambiente e de seus elementos. São "promessas" dispostas sob forma de mensagens: lingüística, iconográfica, bibliográfica, fotográfica etc., que, semiologicamente, se pode classificar a que ciência se pode endereçar o documento e como interpretá-lo para o significado cultural, "porque não há, por definição, uma leitura simples ou unívoca de um quadro ou de um objeto, reflexo de um código que bastaria decodificar". (VOVELLE Apud BREHANT e GEORGES MOUNIN, 1987, p. 94).

No Brasil, nas "salas de milagres", os ex-votos estão em profusão. Transmitem aos observadores que por esses ambientes circulam a falta de dinheiro, o agradecimento por um casamento, por uma cura, proteção contra enfermidades, a aprovação no vestibular ou na política. Enfim, promessas cumpridas, cujos temas parecem infinitos.

O estudo da semiologia está muito ligado ao estudo da lingüística, da etnologia da nova história cultural, da comunicação social e cultura. Com relação à lingüística, podemos dizer que ela se ocupa, preferencialmente, do estudo da linguagem articulada, ao passo que a semiologia procura estudar todas as formas de linguagem, que abarcam variadas culturas. Isso a faz se aproximar bastante da etnologia. A importância do estudo da semiologia vem crescendo significativamente em face também do papel da comunicação moderna e do progresso dos estudos históricos. Em certo sentido, podemos afirmar que o aspecto significativo da cultura (símbolo, sintoma, sinal etc.) representa o ponto de convergência atual da maioria das ciências humanas. A esse respeito, a semiologia enfrenta problema semelhante ao de qualquer ciência que estuda as manifestações culturais.

Tentando propor de forma mais sistemática o campo ou o objeto de estudo da semiologia, Tzvetan Todorov (1971) distingue dois grupos de estudos semiológicos possíveis chamados respectivamente de "códigos" e de "sistemas de comunicação". O primeiro reuniria todas as formas de linguagens no sentido próprio, isto é, a linguagem articulada, os sistemas de comunicação baseados em outros sentidos (táteis, gestuais, as linguagens assobiadas, sonorizadas etc), as linguagens artificiais (documentários, lógicas) e a zoossemiótica. A lingüística atual não estuda (ou não estudava) todos os problemas de

linguagem; seus métodos são puramente lingüísticos e seus resultados positivos. O segundo grupo de estudos semiológicos se ocuparia dos diferentes modelos de comportamento social, comportamento que serve para a comunicação, mas que não é exclusivamente destinado a isto. Estes modelos são estudados por diferentes disciplinas: a etnologia, a sociologia, a psicossociologia, a estética. As relações que elas mantêm com a lingüística são de outro gênero, e o emprego da palavra linguagem é aqui uma figura de retórica. (TODOROV, 1971, p.33-34)

Das palavras acima mencionadas depreende-se, facilmente, a grande ligação existente entre a etnologia, os estudos semióticos e lingüísticos. Justiça se faz às tentativas do estruturalismo antropológico e da denominada nova etnologia (tomada numa perspectiva atual) que vêm se preocupando com o estudo dos "códigos" e das "lógicas" de que é portadora a cultura em geral. De modo mais vago, isso já vinha sendo feito pelo funcionalismo de Malinowski, ao tratar a cultura como sistema. Com as análises formais da etnologia moderna, esta preocupação tornou-se mais explícita e mais consciente. Não obstante tudo isso, não devemos nos enganar quanto aos resultados desses estudos. O fato mesmo desses estudos visarem o conhecimento das estruturas mentais inconscientes - e aqui podemos referenciar a História das Mentalidades, iniciada pelos historiadores franceses em 1929 -, os códigos culturais não manifestos e os aspectos convencionais consistentes da cultura não lhes permitem, p.ex., trazer muita luz à compreensão dos aspectos diacrônicos da cultura. Isso vale dizer que os estudos semiolinguísticos, ao que parece não se prestam para explicar as mutações e transformações pelas quais as várias culturas passam. De resto, a impressão é que essa limitação, muito natural, mostra que toda teoria é parcial e incompleta.

Cabe também indagar e colocar o problema da práxis da teoria. Umberto Eco (1977, p.24), afirma que a "semiótica não é somente uma teoria, deve ser também uma forma de práxis". O assunto cresce de interesse ao se considerar a importância assumida pelos meios de comunicação de massa da atualidade. E cresce também quando o cientista sabe que um simplesromeiro cria e possui códigos para testemunhar a sua "promessa".

Procede o questionamento acerca da validade de a etnologia incursionar-se no domínio do estudo da arte. Afinal, sabe-se que não há tanta concordância nem consenso

com relação aos assuntos relativos à arte, campo em que os ex-votos fortemente se expressam.

É fácil perceber, também, que a arte não poderia escapar das considerações dos estudos culturais, uma vez que ela pertence ao domínio da cultura em geral. Na linguagem vulgar, e até mesmo filosófica, ela é tomada, por vezes, como sinônimo de cultura; considerada quase como a mais cultural das atividades culturais.

A *produção simbólica* é um caminho potente no amplo que gira em torno à semiologia. Por produção simbólica, entende-se a produtividade coletiva de cada sociedade como forma de construção e encaminhamento do seu "*modus vivendi*".

Suzanne Langer (1971, p. 51) parte do postulado de uma necessidade simbólica presente no homem, e diz que "a função de fazer símbolos é uma das atividades primárias do ser humano, da mesma forma comer, olhar e mover-se de um lado para outro. É o processo fundamental do pensamento, mas um ato essencial ao pensamento e anterior a ele". A referida autora trabalha com o duplo imaginário: o do pensamento (interior) e o prático-produzido (exterior). E com isso percebemos que, diante da simbolização, a arte carrega signos que são exatamente o significado do pensamento elevado pela (e na) sociedade, produto da exteriorização ideológica de um grupo, comunidade, país etc.

A produção simbólica abrange, ainda, a eleição de elementos, processos, formas, objetos preexistentes, tanto artificiais quanto naturais, para representação de ordens de realidade ou valores que, por um lado, são considerados transcendentais aos "suportes", mas por outro, neles (quando assim recontextualizados) se consideram presentes e manifestos. Compreende também, é claro, a construção de objetos e a estruturação de esquemas ideológicos que visam muito além do campo da experiência, ou que simplesmente não lhe correspondem (crenças v.g.) - e engloba, inclusive, a definição de praxes e normas que tem semelhantes esquemas por fundamentar (em particular, é o caso dos padrões de conduta ritual). (SERRA. 1991, p.155)

Vemos, então, a força que tem a arte (pela carga simbólica que traz em seu bojo) em representar os elementos significativos de uma dada sociedade. O trabalho, e a constante produção-reprodução de símbolos que retratam e desenvolvem o *modus vivendi*, a crença e as atitudes são pertinentes a uma comunidade e constituem uma constante essência da

produção cultural, que desemboca, conseqüentemente, na identidade cultural, tornando vivo o referencial significante da civilização.

O *ex-voto*

Em um dicionário da língua portuguesa encontram-se as seguintes acepções, “substantivo masculino” que significa “quadro, pintura ou objeto a que se conferiu uma intenção votiva; quadro, placa com inscrições, figura esculpida em madeira ou cera (representando partes do corpo) etc., que se colocam numa igreja ou capela, para pagamento de promessa ou em agradecimento a uma graça alcançada”. (DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ex-voto&stype=k&x=7&y=12> Acessado em 7 de setembro de 2006)

A etimologia é originada do latim *ex-voto*, cuja preposição *ex* representa a 'causa de, em virtude de' e *voto* advém de *votum*, i 'voto', do rad. de *votum*, originado de *vovère* 'fazer voto, obrigar-se, prometer em voto, oferecer, dedicar, consagrar'. (Id.)

As enciclopédias brasileiras seguem a mesma linha definidora do dicionário, atestando o *ex-voto* como quadro ou objeto suspenso em lugar santo, em cumprimento de promessa ou de memória de graça obtida. Ou ainda como expressão de culto que quase sempre assume forma retributiva, concretizada na oferta de elementos materiais, em agradecimento de qualquer intervenção miraculosa ou graça recebida.

De modo geral, em publicações ilustrativas e em dicionários, o *ex-voto* vem a ser o quadro pictórico, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, jóia, mecha de cabelo ou outro qualquer objeto que se ofereça ou exponha nas capelas, igrejas ou salas de milagres, em regozijo da graça alcançada.

Em alguns compêndios o *ex-voto* aparece como oferenda entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo, a Deus, a Virgem Maria e aos Santos, na vigência do Cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos animais domésticos e semelhantes. (Id.)

Alguns pesquisadores e artistas plásticos classificam os *ex-votos* de várias maneiras. Alceu Maynard Araújo (1951, p.20) classifica-os, grosso modo, em elementos materiais do

ritual protetivo e produtivo. Para ele, são protetivos aqueles que visam à proteção, embora não se possa determinar uma linha rigorosamente marcante para dividi-los. A cura, p.ex., é uma proteção da saúde ameaçada, assim como a oferta de mecha de cabelo – de grande valor, pelo desconhecimento das forças que atuam sobre seu crescimento –, que visa igualmente à proteção do crente.

Já nas promessas feitas por ocasião da passagem da bandeira do Divino Espírito Santo, agarrando óbolos para a festa, quando pagos, os ex-votos, após a desobriga, pertencem ao ritual produtivo. (Id, 21)

É difícil classificar os ex-votos em termos de forma, dada a diversidade dos tipos e materiais em muitas salas de milagres pelo mundo católico. Para se ter uma noção, porém, podemos afirmar que eles são formatados como antropomorfos, zoomorfos, simples ou especiais, representativos de valor, orgânicos e, por fim, tradicionais.

Quando se fala em tradicionais, procura-se dizer dos ex-votos clássicos que, artisticamente, possuem formas escultóricas e pictóricas, que vem de uma tradição temporal, histórica, denominados de “promessas” e/ou “milagres”. Exemplos mais clássicos são as cabeças, os braços, pernas etc., de madeira, barro ou até mesmo de parafina, encontrados nos santuários e salas de milagres. (Figura 1)



Fig.1. Ex-votos tradicionais escultóricos. 2011
Casa de Plácido, Círio de Nazaré, Belém, Brasil

A museóloga Maria Augusta Machado da Silva, em seu livro “Ex-votos e orantes no Brasil”, classifica os ex-votos em duas categorias vinculadas a distintos processos

culturais. A primeira é a mágica, que corresponde a estágios primários de relacionamento com a divindade ou seus agentes. A segunda é a mágico-religiosa, que tem como forma de expressão a paraliturgia popular. (SILVA, 1981, p.67)

O pensamento de Silva está voltado para um processo de magia que, em tese, é o poder do ex-voto – diante da reza, do gestual no momento da desobriga e da própria fé – concretizar o milagre. A autora, então, vê o ex-voto como objeto que, junto à crença popular, consegue trazer ao crente aquilo que fora almejado.

Ainda para Silva, o aspecto testemunhal do ex-voto exige um processo de comunicação social. Com isso ela descreve as formas testemunhais ex-votivas de representação iconográfica da graça obtida, envolvendo a ocorrência que motivou a graça (doença etc.) à representação escultórica da doença curada que é a forma mais conhecida de um ex-voto. Outra forma é a do objeto, antes essencial ao milagrado e tornado desnecessário pela cura, como exemplo, as muletas e os óculos são os mais freqüentes. (Id, p. 100)

Para a museóloga, as ofertas de bens destinados a divulgar a devoção ao santo padroeiro são, principalmente, o dinheiro, as jóias e os objetos preciosos de uso litúrgico. Nestes podem ser enquadradas as capelas construídas em agradecimento e desobriga de um voto. Elementos simbólicos da religião como velas, medidas, flores etc. são, para Silva, parte do variado acervo ex-votivo, composto também pelas cruzes penitenciais usadas em peregrinações.

Todavia, vale aqui separar os conceitos de *votivo* e *ex-votivo*. O primeiro diz respeito às ofertas em cumprimento de voto ou promessa ao santo, com o uso ou a tradição de manter cerimoniais. Assim, por exemplo, pode-se dizer do uso de figas, pingentes, de ofertas de caruru, de ir à romaria, de levar romeiros, de acender velas em dias determinados, de dar nomes de santos aos bebês, e outros aspectos, são modos de ações votivas.

Já o conceito *ex-votivo* refere-se ao ato voltado para o ex-voto. A desobriga, o ato de depositar o ex-voto, em uma sala de milagres, ou um canto da igreja, em meio ao cerimonial de reza individualmente feita, é um ato ex-votivo. E dessa forma fica esclarecido que, se um romeiro for à igreja, vestindo uma bata, está cumprindo um voto.

Porém, se ele, além disso, retira a bata para depositá-la em alguma parte da igreja ou na possível sala de milagres do templo, estará cumprindo uma ação ex-votiva.

Ex-voto, então, é o objeto depositado em uma sala de milagres, e não a reza, a romaria, o nome do santo a pessoas, cantigas e ladainhas. Essas tradições são ações votivas.

Outros pesquisadores brasileiros, como Clarival do Prado Valladares, Luiz Saia, Oswald de Andrade Filho e Mário Barata, possuem definições bastante aproximadoras entre si e que elencam o ex-voto como objeto da crença religiosa, desenvolvido, artisticamente ou não, com o intuito de testemunhar uma promessa, um milagre, em santuários, capelas e cruzeiros. Esses pesquisadores aportam-se mais na questão artística, que será vista mais adiante.

De todas as definições acima chegamos à conclusão de que os ex-votos são objetos bi e tridimensionais que se colocam numa igreja, numa capela ou em um cruzeiro, em cumprimento de um voto ou promessa. Objeto entregue após um voto formulado ao santo protetor. Objeto-testemunho de um pedido ou de um pagamento da graça.

Formulando um conceito retirado a partir de uma visualização *in loco* das maiores "salas de milagres" dos santuários católicos do Brasil (³), podemos afirmar que os objetos ex-votivos hoje vão muito além dos tradicionais pictóricos e escultóricos, ultrapassam os fatores orgânicos, como cabelos e globos oculares, e ganha formatos digitais, sejam eles em CDs, sejam em DVDs. E que demonstram vir com um quantitativo maior quando se fala em fotografias coloridas, cartas e bilhetes, como um exemplo deixado na sala de milagres do santuário de Santa Paulina. (Figura 2)

³ A partir de dados do Projeto Ex-votos do Brasil (2006-2008) e Ex-votos do Brasil: etapa museus (2009-2011), vinculados ao CNPq.

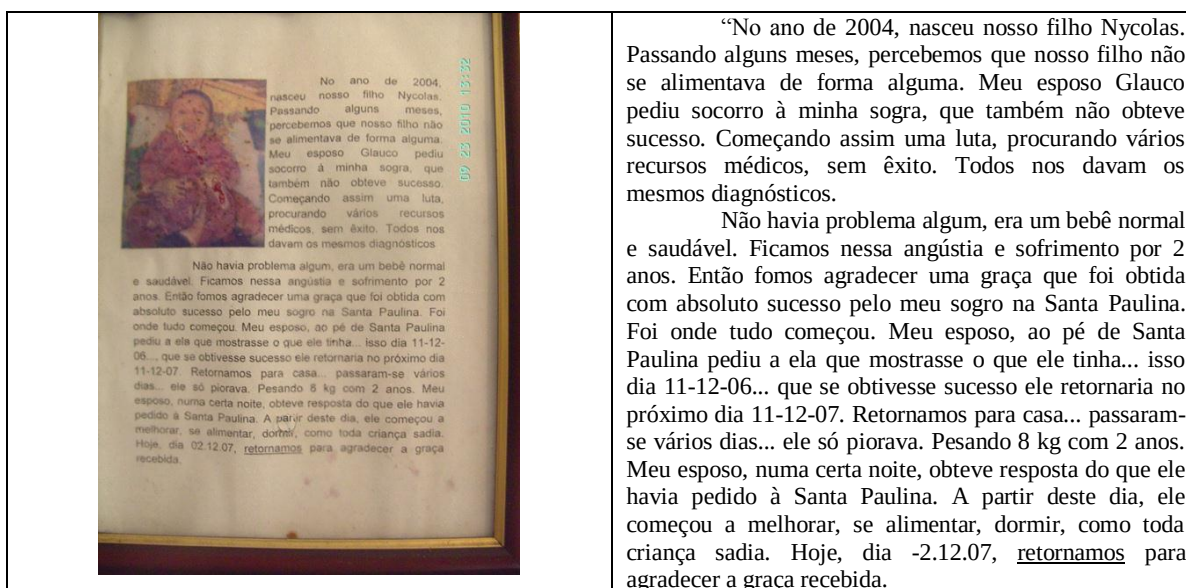


Figura 2 – Ex-voto carta. 2010. Santa Paulina, SC, Brasil.

Quando um ex-voto se define como objeto matéria, apresenta determinadas características básicas que identificam a categoria. Para Silva (Id.), o aspecto testemunhal do ex-voto exige um processo de comunicação social. Com isso, ela descreve as formas testemunhais ex-votivas, assim sendo: a de representação iconográfica da graça obtida, envolvendo a ocorrência que motivou a graça (doença, etc.); a representação escultórica da doença curada, que é a forma mais conhecida de um ex-voto.

Outra forma é a do objeto, antes essencial ao milagrado e tornado desnecessário pela cura milagrosa, como exemplo, as muletas e os óculos são os mais referenciados. As inscrições tabulares, em mármore ou outro material "nobre" de testemunho-gratidão pela graça alcançada, forma letrada de ex-voto que parece indicar o declínio da espécie. As ofertas de bens destinados a divulgar a devoção ao agente do milagre, tanto em espécie como em jóias, ou em objetos preciosos de uso litúrgico. Nesses, podem ser enquadradas as ermidas e capelinhas construídas em agradecimento e desobriga de ex-voto.

Elementos simbólicos ofertados, como velas, medidas, flores etc., são parte também do variado acervo ex-votivo, como também as cruzes penitenciais usadas em peregrinações votivas e ex-votivas. (SILVA, 1981, p. 137) A participação, em circunstâncias especiais, de cerimônias litúrgicas durante as quais o agraciado, usando vestes que mimetizam o a crença, testemunha publicamente a sua gratidão. É, sem dúvida, uma cerimônia ex-votiva,

que procura exaltar a crença momentânea, em que o pedido junto com a reza são evocados de maneira a profetizar o estado de espírito entre o pedinte e o santo.

Com esta classificação das formas testemunhais ex-votivas, podemos verificar variantes como sendo: uso de veste e cores miméticas, nomes de santos a recém-nascidos e até mesmo a cantiga (ou ladainha).

Além de trazer dados, informações e desenvolver um processo comunicacional, o ex-voto é também um testemunho histórico, digamos um documento que exalta o estudo da fé e religiosidade, e que pode mesmo não ser uma carta, um diploma ou um bilhete - documentos típicos de arquivos -, mas apresentar-se de forma esculpida, digital, orgânica, no mundo de uma gramática que vai de encontro com o português “arranhado” ou de um português “aprumado”. Ou quando o acervo pictórico perde o seu lugar para o fotográfico e as cenas agora em movimento, nos filmes em AVI registrados nos DVDs. Formatos que testemunham épocas, cores, momentos, dores, tristeza, felicidades.

Dos santuários que servem de ambientes para a demonstração do rico acervo ex-votivo, no Brasil, e conseqüentemente enriquecimento de um processo folkcomunicacional, se assim o quisermos expressar para a espontaneidade do povo, da gente comum ou de um prefeito, doutor ou ministro, estão São Lázaro e Senhor do Bomfim, em Salvador; Senhor Bom Jesus da Lapa, em Bom Jesus da Lapa; Nossa Senhora das Candeias, na cidade de Candeias; Gruta da Mangabeira, em Ituaçu; Nossa Senhora dos Milagres, na cidade de Milagres e o Monte Santo, na cidade homônima, no sertão baiano; O consagrado do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, o maior dos santuários marianos do mundo; a cidade santuário de Juazeiro do Norte, no Ceará, o gigantismo arquitetônico do santuário de Santa Paulina, em Santa Catarina, as três Penhas: Rio de Janeiro, Espírito Santo e João Pessoa, Caravaggio, no RGS, Círio de Nazaré, em Belém, e o central Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade, Goiás. E mais uma dezena de santuários, com salas de milagres e museus que trazem a imensidão do acervo ex-votivo do Brasil. Todos com suas formas similares e diacrônicas, singulares e plurais.

São nesses santuários, patrimônios históricos, fontes folkcomunicacionais, e de repercussão nacional e mundial, que se encontram as "salas de milagres", espaços construídos pelo homem, formado de paredes ou situados em grutas calcárias apenas com

alguns retoques no provocados pelas mãos do homem. Eles abrigam os ex-votos que representam não somente a existência das romarias, mas a fé de pessoas que pagam e que solicitam suas graças.

Em 1967, quando o comunicólogo Luiz Beltrão defendia a primeira tese de doutorado em Comunicação, na UNB, estava criando e fazendo nascer uma nova disciplina, a Folkcomunicação, ainda pouco conhecida e pouco entendida pela maioria dos professores e acadêmicos, hoje mais difundida, com grupos de pesquisadores no Brasil e no mundo, mas ainda escondida das disciplinas mais clássicas da comunicação nas suas habilitações.

Era justamente naquela época que as teorias da Comunicação estavam voltadas para as formações semióticas e semiológicas, tecendo construções nos campos do estruturalismo e sustentando ainda mais a ideia do Jornalismo. Assim como hoje há uma avalanche de questionamentos e teorias sobre a cibercultura, uma área que cresce a cada instante no campo das ciências da informação e, mais precisamente, na Comunicação.

As tradições populares, até então, eram enfocadas por áreas como o Folclore, a Antropologia e a História. Foi com Beltrão que a análise da comunicação popular, oriunda das atitudes interioranas para o mundo urbano, começou a se delinear, com uma maior interpretação do folclore, área mais difundida e conhecida no mundo inteiro.

Com os seus estudos, agregado as teorias que analisam o folclore e a cultura popular, Beltrão caminhou mostrando a Folkcomunicação como fator importante para o diálogo com as classes inexploradas pelos *mass media*. Além disso, teceu comentários sobre manifestações do povo, no campo das artes, da religião, da música e literatura, como contributos para a identidade local e nacional, como valores que demonstram acontecimentos locais disseminados pelos grandes centros, como a literatura de cordel, o regionalismo das palavras, a indumentária das festas populares e muitos outros fatores que estão num processo de extensão das mídias oriunda das tradições populares, berço principal dos ex-votos.

A Folkcomunicação passou a ser vista como disciplina que analisa as produções entre duas culturas, uma elitizada, massiva, e outra do povo, do espontâneo, seja das vias urbanas ou rurais.

Para Beltrão (1971) os “fenômenos da comunicação popular”, conceituados como gêneros *folkcomunicacionais*, compreendem as formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural difundida pelo povo, por comunidades, urbanas ou rurais. Tais gêneros são os caracterizadores dos mecanismos artesanais de difusão simbólica que expressam, em linguagem popular, mensagens. Daí a importância e aproximação da folkcomunicação com os estudos semiológicos, principalmente quando os códigos simbólicos e as naturezas pessoais descritas nos ex-votos estão bem à mostra.

A tipologia dos ex-votos existentes nas salas de milagres é ínfima e, como em todas as "salas", é efêmera, no sentido de que possui pouca duração no espaço e no tempo, já que, a cada dia, a cada hora, chegam "promessas". São ínfimos, devido à variedade, à rica tipologia, tão vasta que impossível uma catalogação quantitativa.

Os ex-votos são profusos, criando uma constante "signagem", ou seja, uma rápida substituição de signos e símbolos. A cada momento um tipo é descartado; a cada instante um novo (e até então inexistente) ex-voto surge, em velocidade impressionante. (Figura 3)



Figura 3 – Ex-votos na Penha, João Pessoa, Paraíba, Brasil, em 2009

No Brasil a tipologia ex-votiva abarca tudo. Das fitinhas dos padroeiros a um chapéu, da botina à cela de montar a cavalo; das cartas aos curiosos globos oculares, orgânicos, in vitro. Enfim, diversidade, desproporções, tamanhos e dimensões diferenciadas são as qualidades desse universo comunicacional e testemunhal, que refletem a crença, a fé e as atitudes do homem diante da vida, da doença, da morte, da ambição, da festa, de variados valores sociais, políticos e econômicos que elucidam os comportamentos coletivos



e as estruturas mentais. Quer dizer, esses documentos ilustram as mentalidades coletivas no âmbito de contextos históricos.

Os ex-votos são expostos pelo próprio crente ou a pedido de alguém. Com pouca ou nenhuma arrumação. O próprio objeto, com seus bilhetes, e às vezes artisticamente trabalhado, com seus símbolos fáceis de uma decodificação, transmite ao espectador as atitudes representadas. Uma transmissão que cai no campo da subjetividade, popular e científica.

Fica evidente uma bifurcação que lega ao ex-voto, no âmbito da semiologia, dois sentidos. Primeiro, o comunicacional. O poder que tem os objetos de comunicar com os visitantes da "sala de milagres", a comunicação embutida no objeto, seja ela com um anexo (um bilhete ou uma carta que vem junto da escultura, do quadro, do caixão funerário), seja na expressão artística dada ao objeto, que passa a, artisticamente, expressar um valor simbólico. Esse valor simbólico é o segundo sentido dado ao ex-voto, que mostra a sua originalidade, algo perpetuado na simbologia da forma, na contínua mudança tipológica, proporcionando uma dialética da produtividade e se tornando elementos ricos para o estudo folkcomunicacional, respaldado nas histórias de fé, da religiosidade que vem da alma do povo.

Referências bibliográficas:

- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1972. 320 p.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.
- _____. **Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 149 p.
- CRAVO NETO, Mario. **Ex-voto**. São Paulo, 1986. 142 p. il.
- DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ex-voto&stype=k&x=7&y=12> Acessado em 7 de setembro de 2006)



ECO, Umberto. **O Signo**. Lisboa: Progresso, 1977. 180 p.

_____. **Estrutura ausente** - introdução à pesquisa semiológica. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, 427 p. il.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 281 p. il.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989. 110 p. (Princípios)

LANGER, Suzanne. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva, 1971. 210 p.

LE GOFF, Jacques e Nora, Pierre. **História: novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. 196 p.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Comunicação)

OLIVEIRA, José Cláudio Alves. “Da folkcomunicação à mídia clássica: divergências e aproximações entre museus dos ex-votos e salas de milagres.”. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Campina Grande, junho de 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regional.shtml>. Acessado em 3 de julho de 2011

SAIA, Luiz. “Escultura popular de madeira”. In: MAGALH·ES, Gisela (org.) **7 Brasileiros e seu universo - artes ofícios origens permanências**. Brasília: MEC/DDD, 1974. p. 34-45 il.

SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. 178 p. il.

TODOROV, Tzvetan. **Semiologia e Lingüística**. Petrópolis. Vozes. 1971. 201 p.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Memória do Brasil: um estudo da epigrafia erudita e popular**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1976. 44 p. il.

VOVELLE, Michel. **Ideologia e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 417